Gente do MOC

A série **Gente do MOC** é um espaço especial que conta as histórias de pessoas que dedicam sua vida ao MOC e à sua missão. Aqui, retratamos os caminhos daqueles que acreditam num semiárido justo e solidário, caminhos que se assemelham com os grupos que acompanhamos. Nessa edição vamos conhecer mais sobre a história de Rosenice Alves de Souza, que há 22 anos trabalha na entidade.

"Sofri, lutei, mas venci!"

Natural de Feira de Santana, aos 56 anos de idade, Rosenice Alves de Souza, Ném, como é conhecida por todos, se considera uma mulher feliz e realizada, mas que lutou muito para conquistar as coisas que tem. Sua história começa no dia 04 de maio de 1956, ano em que nasceu, e passa por alguns cenários como o bairro da Conceição, onde viveu a infância e a adolescência com os pais e os sete irmãos. Desde os 12 anos já trabalhava fazendo serviços domésticos, com 14 anos já era casada e tinha que ajudar o marido no sustento da família. Neste período, teve que enfrentar a perda da filha ainda bebê, e do pai, o que aumentou as dificuldades na família.

"Meu pai era tudo para mim e minha família, com sua morte minha mãe ficou muito doente, tive cuidar dela, dos meus filhos e cinco sobrinhos, que tinham sido deixados pela minha irmã. Meu casamento não deu certo, dos quatro filhos que tive, dois morreram, enfrentamos tempos difíceis", conta ela. "A rotina sempre foi de muito trabalho, por isso faltou tempo para os estudos. Lutei muito para chegar aqui, fiz somente até a 5ª série, trabalhei desde os 12 anos. Eu fui muito sofrida", recorda.

Ainda adolescente, a vida lhe apresentou um novo cenário de trabalho e violência, o Rio de Janeiro. Ném vendeu tudo o que tinha dentro de casa para viajar com a mãe, irmão e parentes. Trabalhou em fábrica de bolsas, vidro e como empregada doméstica. "Eu levantava 3 horas da manhã para apanhar o trem, não tinha carteira assinada, por que tanto eu quanto meu irmão não tínhamos idade para trabalhar, tínhamos muito medo, pois a cidade era muito violenta. Minha mãe foi internada e lá se tratou, morei em São Paulo também, depois disso retornamos para a Bahia".

A volta não foi fácil, tiveram que reorganizar a casa, procurar um novo emprego, voltou a trabalhar como empregada doméstica, sem carteira assinada. Ao conhecer Pedro, seu segundo marido, com quem teve cinco dos nove filhos, veio a esperança de dias melhores. Através dele, no ano de 1988 ela foi contratada para trabalhar no Movimento de Organização Comunitária (MOC), onde permanece até hoje trabalhando com serviços gerais.

Nome: *Rosenice Alves de Souza*
Nascimento: 04 de maio de 1955
Local: *Feira de Santana*
Função: *Serviços Gerais*
Estado Civil: *Solteira*
Ano de Entrada no MOC: *1988*

O CFC, uma casa - Além de local de trabalho, o Cento de Formação Comunitária (CFC), no Bairro do Papagaio em Feira de Santana, se transformou na sua verdadeira casa. Lá, Ném viveu por 12 anos com seus filhos, marido e mãe, era responsável pela cozinha e limpeza do espaço, que sempre acolheu as diversas pessoas que por ali passaram e participaram de cursos de formação e reuniões. Vida pessoal e profissional se misturaram nesse mesmo espaço. "Festa de batizado e casamento dos meus filhos eu fiz no CFC. Eles não são patrões, são amigos, Naidison para mim é tudo, eu tenho por ele o mesmo amor que tenho pelo meu pai", enfatiza Nem.

Aprendizado para a vida - Das experiências desse novo cenário de sua vida ela tira grandes lições. "Aprendi a lidar com essas pessoas, aprendi coisas que não sabia. Vi que as pessoas são diferentes e para ter um bom relacionamento é preciso respeitar a diferença de cada um. Procurar entender como eu ia lidar com eles para se sentirem felizes ali", conta.

Ela recorda uma das muitas histórias que lhe marcou nesses 22 anos de trabalho no CFC. "Uma vez uma das participantes chegou e não dava bom dia, sempre com o rosto insatisfeito, passava pela gente parecia que era um nada, no último dia passou mal, eu fui saber o que ela tinha, peguei umas folhas em casa e fiz um chá, dei e quando ela levantou ficou muito grata e mudou completamente, admitiu que foi ingrata. O contato com as pessoas me ajudou a entender, e a ser até menos tímida", reflete Rosenice.

Carinho e reconhecimento - O saldo dessa convivência deixou muitas coisas positivas, como o carinho e a amizade das diversas pessoas que passaram pelo CFC. "Lá em casa tem uma mala cheia de mensagem dos grupos que passaram pelo CFC me homenageando, agradecendo o acolhimento, ganhei também muitos presentes, lembro que em seis meses eu ganhei 33 toalhas bordadas com meu nome, além de camisolas, blusas, que ganhei ao longo desses anos. Cuidava delas como cuidava dos meus filhos, depois que saí do CFC, para a sede do MOC, na Senhor dos Passos, volto sempre lá, e até hoje quando eu chego as pessoas me tratam bem e lembram de mim", conta.

Sobre o que gosta de fazer quando não está trabalhando, ela diz ser uma pessoa caseira. "Quando meu marido faleceu, eu passei a freqüentar a Igreja Batista, até hoje é um dos poucos lugares que vou, sou muito caseira, mais a igreja é um lugar que gosto de ir". Além dos filhos e sobrinhos ela adotou mais duas crianças, ao todo são 11 filhos e 11 netos. "Há dez anos eu consegui comprar um terreno em frente ao CFC, e construí minha casa, criei meus filhos, dei educação, que é o mais importante, deu para tudo. Sofri, lutei, mais venci!".

Expediente . **Realização:** Movimento de Organização Comunitária - MOC **Coordenação:** Programa de Comunicação do MOC: Daiane Almeida, Lorena Amorim, Nayara Cunha e Rachel Pinto. **Reportagem:** Daiane Almeida e Rachel Pinto **Fotos:** Arquivo MOC **Diagramação e Design:** Rafael Damasceno **Fale conosco:** MOC - Movimento de Organização Comunitária, Rua Pontal 61, Cruzeiro, Feira de Santana - Bahia, CEP 44.022-052. Tel.(75) 3322.4444 fax: (75) 3322.4401, e-mail: comunica@moc.org.br. Site: www.moc.org.br

REALIZAÇÃO: MOC
APOIO: BRASIL SEM MISÉRIA GOVERNO FEDERAL Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres; LIGUE 180 Central de Atendimento à Mulher

MOC
www.moc.org.br
Nº 11 Ano 05 – Junho de 2010

Bocapiu

Contando experiências por um sertão justo

Mulheres Sertanejas na luta pelo combate à violência

Nesta edição do Bocapiu, as companheiras Ana Mary e Rosana Santos contam alguns resultados do projeto Mulheres Sertanejas na Luta pela Prevenção e Enfrentamento à Violência contra a Mulher, desenvolvido em 13 municípios e que representou um desafio para as organizações de mulheres que atuam no semiárido da Bahia.

Editorial

Mulheres do semiárido erguem a bandeira pelo fim da violência

A violência de gênero não tem idade, cor, classe social, grau de instrução ou espaço geográfico, ela atinge mulheres do mundo inteiro. Nas últimas décadas a luta pelo fim da violência contra as mulheres tem ganhado visibilidade, deixando de ser ocultada no âmbito familiar, da vida privada e da intimidade. Graças ao movimento feminista essa questão tem ganhado atenção como um problema social que requer grande esforço por parte dos governos e da sociedade para sua superação.

As mulheres têm reescrito suas próprias histórias rompendo com o silêncio da violência e ocupando espaços de dominação masculina que até então lhes eram negados, e trazendo para os espaços públicos a violência como uma questão social, econômica, cultural e de saúde. A violência contra as mulheres deve ser vista e enfrentada como uma violação dos diretos humanos, para tanto, é necessário a superação de uma sociedade machista e patriarcal para construção de uma cultura de paz e justiça social onde todas as mulheres tenham direito a uma vida digna e sem violência.

As Mulheres Sertanejas da Região Semiárida da Bahia tem ecoado suas vozes e erguido suas bandeiras de luta pelo fim da violência. As ações desenvolvidas pelas mulheres têm contribuído significativamente para que elas tenham o poder de mudar o rumo de suas histórias, saindo do papel de expectadoras e passando a ser protagonistas, sujeitas de direito, donas da própria vida, onde um sertão mais justo é possível e uma vida sem violência é um direito de todas e todos.

Selma Glória de Jesus - Técnica do programa de gênero do MOC.

Mulheres Sertanejas na luta pelo combate à violência

Já faz algum tempo que a rotina de Ana Mary da Silva Reis, da comunidade de Itareru, município de Valente, não é mais a mesma. Além de exercer os papéis de esposa, mãe, dona-de-casa e trabalhadora, a jovem mulher de 26 anos também tem se tornado figura forte dentro do movimento social. Participando de reuniões, debates e diversas discussões, ela trabalha na Secretaria de Mulheres do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município de Valente e divide seu tempo entre os afazeres domésticos e a família, com o trabalho de agente multiplicadora do Projeto Mulheres Sertanejas na Luta pela Prevenção e Enfrentamento à Violência contra a Mulher.

Desenvolvido pelo Movimento de Organização Comunitária (MOC) com o apoio da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM), o projeto atua em 13 municípios dos territórios do Sisal, Bacia do Jacuípe e Portal do Sertão e busca capacitar lideranças femininas para mobilização e sensibilização das comunidades, divulgando a Lei Maria da Penha na perspectiva da prevenção e enfrentamento da violência contra à mulher nas suas diversas formas. Além de fortalecer as organizações de mulheres da região semiárida baiana para uma efetiva intervenção política no sentido de provocar a criação de mecanismos de garantia dos direitos das mulheres, visa também, incentivar a participação das lideranças femininas nos espaços de decisão e de controle social das políticas públicas de interesse das mulheres e fomentar a discussão para o fortalecimento do Fórum de Mulheres da Região Semiárida.

Para Ana Mary, participar enquanto agente multiplicadora do projeto tem lhe proporcionado muitas conquistas tanto no campo pessoal como profissional. Ela que já foi vítima de agressões morais e psicológicas, diz que já é possível sentir a diferença dentro do próprio convívio familiar e com o marido, através das ações do projeto. Mais independente, e com maior autonomia nas suas decisões, participa das mobilizações e junto com a comunidade busca divulgar a Lei Maria da Penha e debater as desigualdades entre homens e mulheres.

Segundo ela, o trabalho tem contribuído bastante para divulgar a Lei Maria da Penha e esclarecer sobre os diversos tipos de violência. As mulheres da comunidade estão mais participativas e seguras, sem medo de denunciar e é possível notar, inclusive, que os casos de violência têm diminuído. "As ações do projeto contribuíram bastante para o melhor entendimento sobre o que é violência. As mulheres estão ficando cientes do seu papel diante da sociedade e perdendo o medo de denunciar", afirma.

No município de Araci, na comunidade de Barreiras, até os homens estão marcando presença nas atividades e mobilizações do projeto. Estão curiosos para saber sobre a Lei Maria da Penha e começam a entender melhor o papel e os direitos das mulheres na sociedade. Rosana Santos, integrante do Movimento de Mulheres, afirma que a Lei Maria da Penha, tem sido bastante divulgada no

município, até mesmo através das rádios e dos comunicadores locais.

De acordo com Rosana, muitas mulheres sofriam agressões domésticas, sem nem mesmo saber que se configuravam como parte da violência. Para ela, o projeto é importante porque consegue aumentar a percepção do que é violência. "A divulgação da lei e o trabalho no projeto tem ajudado a fortalecer a luta das mulheres e a inibir os agressores", conclui.

Grupo de mulheres do semiárido baiano participa de intercâmbio com entidades feministas de Pernambuco

Como parte das atividade do projeto Mulheres Sertanejas na Luta pela Prevenção e Enfrentamento à Violência contra a Mulher, foi realizado, no mês de abril, um intercâmbio, onde mulheres do semiárido da Bahia foram conhecer as experiências do Fórum de Mulheres de Pernambuco e do Centro de Mulheres do Cabo, entidades que fazem parte da Rede de Atendimento à Mulher Vítima de Violência, que há mais de 30 anos desenvolve um trabalho voltado para o enfrentamento à violência contra a mulher.

De acordo com Selma Glória de Jesus, técnica do Programa de Gênero do MOC, esta experiência de Pernambuco foi um dos motivos que levou a escolha das mulheres do semiárido a realizarem o intercâmbio. "Este intercâmbio faz parte da formação política das mulheres dentro do projeto. Então, a idéia foi conhecer as experiências das organizações de mulheres de Pernambuco, que já tem uma caminhada bastante longa sobre esta questão do enfretamento da violência contra a mulher, já que Pernambuco é um dos estados que tem maior incidência de violência, então, a gente pensou que conhecer a experiência dessas organizações é fortalecer a luta das mulheres da região semiárida".